

Cinema e masculinidades negras: alguns apontamentos iniciais

FOTO: ACERVO CINEMATECA BRASILEIRA



ORFEU NEGRO



O cinema negro como ferramenta para redefinir representações e promover reflexões sobre identidade e história

POR **MARCO AURÉLIO DA CONCEIÇÃO CORREA***

TEXTO SELECIONADO NO EDITAL FILME CULTURA EDIÇÃO 64



ATUALMENTE, AS DISCUSSÕES sobre as questões de gênero vêm ganhando espaço. Impulsionados pelo movimento feminista, outros grupos começam a expor seus pontos. Reconhecendo que as identidades não são fixas e delimitadas, o gênero é visto como uma das variáveis que definem um sujeito. A discussão da sexualidade também encontra relevância, questionando a padronização imposta pela sociedade. Neste sentido, as masculinidades são vistas como mais uma das identidades que compõem o ser humano.

O patriarca branco ocidental é o padrão posto para as masculinidades. Com a empreitada colonial europeia, outras formas de ser homem são julgadas inferiores. A proposta deste texto segue a trajetória de romper com as prisões coloniais através da valorização de outras estéticas dos homens negros. Encaramos aqui o cinema como uma potência para se pensar estas imagens afirmativas para as masculinidades negras. Da mesma forma que o corpo de negros e negras é um campo de batalha por estéticas positivas, a luta por representações no cinema também é uma arena para essa luta. E está na hora desse jogo virar.

VIOLÊNCIA E COLONIALISMO

No caso brasileiro, vemos como o imaginário eugenista do período pós-abolição se reflete nas telas do recém-nascido cinema do Brasil.

Hoje podemos nos surpreender com a violência à humanidade que foi a escravidão colonial e o grande descaso das pessoas com tal atrocidade. Porém, para se legitimar, o processo de escravização era justificado por uma suposta inumanidade dos africanos negros. Inferiorizando os corpos negros à categoria de animais, objetos ou mercadorias, eles poderiam ser posse de outros seres humanos.

Para as masculinidades negras, este efeito de bestialização causou a criação do imaginário do falo animal. Isso recai sobre os homens negros, gerando uma hiperssexualização, desumanização, destituição dos prestígios, recursos e prerrogativas de serem “homens-humanos” (RESTIER, 2017). Cria-se, também, uma relação de ressentimento entre as masculinidades negras e a hegemônica branca, pois o grande falo é uma ameaça à hombridade branca e um perigo para a castidade das mulheres brancas.

Atualmente, o medo não se direciona somente ao falo negro e sua dupla ameaça (à masculinidade branca e ao domínio sobre os corpos brancos femininos), é também direcionado à propriedade e à vida. O negro marginalizado é uma ameaça às propriedades das elites: devido a sua situação de pobreza (animalesca), ele pode tomar a vida de qualquer um.

Este tipo de despolítica que ocasiona o genocídio da juventude negra atua como um resquício do medo colonial, no qual as elites, com temor da insurgência negra, afirmavam: “eles querem tomar nosso lugar” (FANON, 1968, p. 29). As políticas de Estado para esta situação das comunidades, favelas e periferias são os maiores exemplos de uma necropolítica (MBEMBE, 2016). Além do descaso com a situação dos moradores desta área com a falta de políticas de saúde, educação, segurança, saneamento básico e cultura, a guerra ao tráfico de drogas provoca uma situação de caos para muitos moradores.

O genocídio da juventude negra é real, como mostram os mapas e atlas da violência. O que mais espanta “é a triste constatação de que esses dados não causam comoção nacional. A morte desses jovens quando noticiada, é supostamente atenuada pela genérica imagem do ‘suspeito, cunhado pela tipificação criminalista” (FAUSTINO, 2014 p. 93-94). Na grande mídia televisiva, não faltam programas que, com seus discursos de ódio, incitem este tipo de genocídio. Em horários estratégicos de audiência, trabalhadores são extasiados por gritos de escracho de uma mídia que direciona suas críticas aos “suspeitos” ao invés de direcionar efetivamente este discurso de descontentamento para o poder estatal e as iniciativas privadas que negligenciam o real problema: a desigualdade social causada pelo racismo institucional.

ESTEREÓTIPOS DO HOMEM NEGRO NO CINEMA

O cinema representa historicamente os homens negros de uma forma estereotipada. Nos dias de hoje, conseguimos perceber este posicionamento com mais facilidade. Apesar de vivermos tempos de insurgência no audiovisual, no qual inúmeros cineastas, críticos e pesquisadores pensam um outro cinema para os corpos e mentes negras, existe uma considerável filmografia que apresenta esses estereótipos (RODRIGUES, 2011).

A indústria cinematográfica de Hollywood disseminou um modelo de se fazer cinema que afeta as narrativas até hoje. Um dos filmes representativos desse modelo é *O nascimento de uma nação* (1915), que, apesar de sua inovação na linguagem cinematográfica, é bastante controverso. O enredo do filme é ambientado na Guerra de Secessão dos Estados Unidos, que deu fim ao sistema escravocrata do sul do país, e faz dos membros do Klu Klux Klan heróis dos valores sulistas ameaçados pelos negros recém-libertos. O filme é uma alegoria para o projeto político de subalternização ou mesmo de extermínio das populações negras. Há também o uso do *blackface*, exemplo de caricaturização de personagens negros no filme.

No caso brasileiro, vemos como o imaginário eugenista do período pós-abolição se reflete nas telas do recém-nascido cinema do Brasil. A revista *Cinearte*, uma das mais importantes da época, apresenta uma explícita manifestação das teorias do branqueamento brasileiro:

Quando deixaremos desta mania de mostrar índios, caboclos, negros, bichos e outras “avis-rara” desta infeliz terra, aos olhos do espectador cinematográfico? Vamos que por um acaso um destes filmes vá parar no estrangeiro? Além de não ter arte, não haver técnica nele, deixará o estrangeiro mais convencido do que ele pensa que nós somos: uma terra igual ou pior a Angola, ao Congo (*Cinearte* apud ARAÚJO, 2006, p. 73).

A revista ainda afirmava: “fazer um bom cinema no Brasil deve ser um ato de purificação de nossa realidade, através da seleção daquilo que merece ser projetada

do na tela: o nosso progresso, as obras de engenharia moderna, nossos brancos bonitos, nossa natureza” (*Cinearte* apud ARAÚJO, 2006, p. 74). Desta forma, fica evidente a existência, no meio cinematográfico brasileiro da época, de uma proposta da purificação das telas. No cinema mudo brasileiro, as produções seguem uma proposta mais autoral, seguindo as tendências narrativas do cinema de Hollywood, e assim a presença negra, em vez de completamente ausente, agora é inferiorizada, por meio do reforço de estereótipos. Filmes como *Aitaré da praia* (1925), do Ciclo de Recife, apresentam sub-representações como o *blackface*, prática originada dos shows de menestréis do século XIX nos Estados Unidos da América (CARVALHO, 2005).

Na retomada do cinema brasileiro, passa-se da estética da fome para a cosmética da fome, na qual as desigualdades são estilizadas para atrair um novo público ao cinema, em filmes como *Orfeu*, de Cacá Diegues (1999); *Cidade dos homens*, de Paulo Morelli (2007); *Tropa de elite*, de José Padilha (2007) e, o maior deste movimento, *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles e Kátia Lund (2002).

Leandro Firmino é o protagonista de *Cidade de Deus*. O ator faz o papel que muitos outros homens negros acabam interpretando: o marginal. Firmino interpreta o bandido Zé Pequeno, que, apesar de ser o vilão do filme, é o destaque da atuação. A performance de Firmino foi tão estonteante que transformou o roteiro original do filme, do mesmo jeito que Grande Otelo fez outrora e muitos outros atores relegados aos mesmos tipos de papéis.

Apesar do destaque internacional do filme, e tendo atuado em outros papéis no cinema e na TV, o ator não conseguiu dar continuidade à sua carreira. O filme *Cidade de Deus – 10 anos depois*, de Cavi Borges e Luciano Vidigal (2013), acompanha a vida dos atores depois de uma década das filmagens. A trajetória é semelhante: o filme foi a primeira experiência de atuação para muitos deles. A grande maioria dos atores e dos figurantes não conseguiu dar continuidade à carreira, voltando à vida que tinham antes do sucesso do filme.

POSSIBILIDADES

Cabe ressaltar aqui exemplos de produções cinematográficas, principalmente de realizadores negros, que promovam outras possibilidades estéticas para a figura do homem negro.

A questão da representação não é somente a presença de corpos negros nas telas de cinema. O importante é pensar de que formas estes cineastas estão desenvolvendo as narrativas de seus filmes.

Zózimo Bulbul é o pioneiro nesta reivindicação estética no cinema brasileiro. Fugindo da estética representativa na qual uma civilidade lúdica negra é valorizada, Zózimo faz um cinema questionador que valoriza as subjetividades negras, mostrando que a negritude vai além “do negão, do samba e da capoeira”.

Feito com sobras de negativos do filme *Em compasso de espera*, de Antunes Filho (1970), *Alma no olho* (1973) é, pelo que se tem notícia, o primeiro filme crítico para as questões raciais brasileiras dirigido por um cineasta negro. Por meio da expressão de seu próprio corpo, o cineasta vai encenando a jornada negra em busca da libertação. Ele representa a felicidade no continente africano, o pânico da travessia, a dor do trabalho forçado, a emancipação pela cultura e, finalmente, a soltura das correntes através da luta. O corpo de Zózimo, com seus sorrisos, pelos e expressões em contraste com um cenário vazio e branco, cria uma sensação de identificação sem igual; não é sempre que o corpo negro é representado com todo este detalhe.

Zózimo dirigiu e atuou em alguns outros filmes que engrandecem as masculinidades negras. *Dia de alforria*, de Zózimo (1981), homenageia a trajetória de resistência do sambista Aniceto do Império. Em *O papel e o mar*, de Luiz Antônio Pilar (2010), Zózimo interpre-

ta João Cândido, revolucionário da Revolta da Chibata, contracenando, em um fictício encontro, com Carolina Maria de Jesus, a escritora paulista. Ambos os filmes retratam importantes figuras masculinas, mostrando que os homens negros também fazem história.

Da mesma forma que Zózimo aproveitou o embalo dos insurgentes movimentos de libertação que aconteciam pelo mundo na transição para a década de 1970, no continente africano cineastas lutavam com suas câmeras por outras representações. O cinema na África negra sempre foi território permitido somente para os colonos brancos; porém, com os movimentos de independência, diversos países usavam a linguagem cinematográfica para dar continuidade ao movimento de libertação. Cineastas como Ousmane Sembène, Djibril Diop Mambéty, Med Hondo, dentre outros, ressignificavam as imagens, pensando em um cinema feito por negros para negros. Desta forma, outras representações para as masculinidades foram criadas, se distanciando do imaginário do homem negro africano como primitivo e supersticioso. Destacamos aqui o filme *Keïta! o legado do griot*, de Dani Kouyaté (1995), que trata da importância da figura do Griot na permanência da memória coletiva para as futuras gerações ao contar a história do épico de Sundiata Keita, fundador do Império do Mali.

Para completar este breve passeio pelos cinemas da diáspora africana, seguem algumas colocações sobre o cinema negro dos Estados Unidos.

Por causa de seu contexto político-econômico, cineastas negros conseguiram produzir seus filmes desde os princípios da consolidação da indústria cinematográfica. Oscar Micheaux é um cineasta pioneiro por conseguir criar desde o período silencioso filmes que

lidassem com as questões sociais dos negros estadunidenses. Esse movimento ficou conhecido como *race movies*. Em filmes como *Within our gates* (1920), o cineasta trata das segregações por meio do renascimento da KKK, das migrações para o norte, de relações interracialiais, ou seja, de várias questões pertinentes para um movimento emergente que pensava um novo negro nos Estados Unidos.

Na contemporaneidade, há uma prolífica produção cinematográfica nos Estados Unidos que repensa as estéticas negras. Em seus filmes, Spike Lee trata das dificuldades da vida urbana de negras e negros com um cunho político. Em seu filme *Malcolm X* (1992), estrelado por Denzel Washington, o cineasta retrata a trajetória dessa figura histórica. Diversos outros filmes poderiam ser citados aqui, como: *Moonlight*, de Barry Jenkins (2016); *Corra!*, de Jordan Peele (2017); *Pantera Negra* (2018) e *Pantera Negra: Wakanda para sempre* (2022), de Ryan Coogler. Todos estes filmes conseguiram obter destaque na mídia e nas bilheteiras. O mais expressivo talvez seja *Moonlight*, por ter vencido o prêmio de Melhor Filme no Oscar de 2017, um feito de grande destaque para um filme que lida com a sexualidade de um homem negro que, por dificuldades sociais, acaba entrando para o crime.

Este artigo buscou apresentar alguns apontamentos sobre as masculinidades, reforçando a crítica aos estereótipos e a intenção de alguns filmes em propor outras estéticas que não caíam nas velhas armadilhas coloniais. A cinematografia apresentada deve ser como uma potência para rompermos o legado histórico de sub-representação e de descaso com o homem negro. O cinema deve ser um artefato de reflexão que nos cure das feridas históricas e nos proporcione força para mudarmos esse cenário. ■

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, JOEL ZITO. A FORÇA DE UM DESEJO: A PERSISTÊNCIA DA BRANQUITUDE COMO PADRÃO ESTÉTICO AUDIOVISUAL. *REVISTA USP*, SÃO PAULO, 2006.

CARVALHO, NOEL DOS SANTOS. ESBOÇO PARA UMA HISTÓRIA DO NEGRO NO CINEMA BRASILEIRO. IN: DE, JEFERSON (ORG.). *DOGMA FEIJOADA: O CINEMA NEGRO BRASILEIRO*. SÃO PAULO: IMPRENSA OFICIAL, V. 1, 2005, P. 17-101.

FANON, FRANTZ. *CONDENADOS DA TERRA*, TRADUÇÃO: JOSÉ LAURÊNIO MELLO, RIO DE JANEIRO, CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1968.

_____. *PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS*. BAHIA: EDITORA EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, DEIVISON NKOSI. (2014). O PÊNIS SEM O FALO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE HOMENS NEGROS, MASCULINIDADES E RACISMO. IN: BLAY, EVA ALTERMAN (ORG.). *FEMINISMOS E MASCULINIDADES: NOVOS CAMINHOS PARA ENFRENTAR A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER*. SÃO PAULO: CULTURA ACADÊMICA, 2014, P. 75-104.

MBEMBE, ACHILLE. *NECROPOLÍTICA*, TEMÁTICAS, Nº 32, P. 123-151, 2016.

RESTIER, HENRIQUE. *COMO É SER UM HOMEM NEGRO NO BRASIL? JUSTIFICANDO*. 03 JUL 2017.

RODRIGUES, JOSÉ CARLOS. *O NEGRO BRASILEIRO E O CINEMA*. RIO DE JANEIRO: PALLAS, 2011.

SOUZA, ROLF RIBEIRO DE. FALOMAQUIA: HOMENS NEGROS E BRANCOS E A LUTA PELO PRESTÍGIO DA MASCULINIDADE EM UMA SOCIEDADE DO OCIDENTE. *REVISTA ANTROPOLÍTICA*, N.34, P. 35-52, 2013.

***MARCO AURÉLIO DA CONCEIÇÃO CORREA** É PEDAGOGO, ESCRITOR E PESQUISADOR. PROFESSOR DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO, DOUTORANDO EM EDUCAÇÃO (PROPED -UERJ) E PÓS-GRADUADO EM ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA (PROGPEC -CP2). COORDENA A ESCOLA CRIATIVA AUDIOVISUAL ÀWÒRÁN, NA QUAL MINISTRA AULAS DE INTRODUÇÃO A ROTEIRO E ESCRITA CRIATIVA. ORGANIZA O CINEMANGUINHOS, PROJETO QUE REALIZA EXIBIÇÕES, FORMAÇÕES E EVENTOS NAS COMUNIDADES DO COMPLEXO DE MANGUINHOS E OUTRAS PERIFERIAS DO RIO DE JANEIRO. É AUTOR DOS LIVROS CINEMAS AFRO-ATLÂNTICOS E NECROPOÉTICAS E OUTRAS HISTÓRIAS.